

O IMAGINÁRIO DA NATUREZA E O DISCURSO ECOFEMINISTA EM ALINA PAIM¹

THE IMAGINARY OF NATURE AND THE ECOFEMINIST SPEECH IN ALINA PAIM

Ana Leal Cardoso²

RESUMO: Este artigo objetiva mostrar na obra *A sombra do patriarca*, de Alina Paim, uma escritora brasileira do século XX, como o imaginário da Natureza, em suas representações míticas, dialoga com a crítica feminista moderna em consonância com o ecofeminismo defendido por Susan Griff, Stella Lauter e Isilda Alves. A narrativa em foco apresenta um discurso de resistência capaz de analisar e responder às múltiplas formas de opressão e de dominação que tanto as mulheres quanto a Natureza têm sofrido nas últimas décadas. A ideia de imaginário simbólico que trazemos aqui está fundamentada nas teorias psicológicas, filosóficas e mitológicas propostas por Carl Jung, Mircea Eliade e Joseph Campbell, para evidenciar que o mito da Grande Deusa é uma presença constante no processo de busca de identidade da protagonista.

Palavras-chave: literatura, crítica feminista, imaginário, ecofeminismo

ABSTRACT: This article aims to show in the work *The shadow of the patriarch* of Alina Paim, a Brazilian writer of the twentieth century, as the imaginary of Nature in its mythical representations dialogues with modern feminist criticism in line with the ecofeminism defended by Susan Griff, Stella Lauter and Isilda Alves. The narrative in focus presents a discourse of resistance capable of analyzing and responding to the multiple forms of oppression and domination that both women and Nature have suffered in recent decades. The idea of symbolic imaginary that we bring here is based on the psychological, philosophical and mythological theories proposed by Carl Jung, Mircea Eliade and Joseph Campbell, to show that the myth of the Great Goddess is a constant presence in the process of search for the identity of the protagonist.

Keywords: literature, feminist critic, imaginary, ecofeminism

¹ Artigo recebido em 16 de agosto de 2019 e aceito para publicação em 27 de novembro de 2019.

² Prof. Titular de literatura e pesquisadora do PPGL/UFS. Líder do GELICI/UFS/CNPq. E-mail: analealca@yahoo.com.br



Introdução

Este artigo é parte da homenagem pelo centenário da escritora sergipana Alina Paim, cuja expressiva produção ficcional - que há muito deveria estar inserida com destaque no percurso do moderno romance brasileiro - traz a marca da luta por uma sociedade mais justa socialmente melhor. Fruto de experiências transformadoras por que passou o século XX, em diferentes áreas do conhecimento, sua produção literária brinda-nos com a presença de personagens femininas que surgem na contramão de princípios essencialmente eurocêntricos e patriarcais, destacando o jeito 'feminista' de ser, ainda que em estado larvar. Não obstante ter produzido dez romances e de ter contribuído significativamente para a expressão da literatura infantil brasileira, iluminada pelas contemporâneas Cecília Meireles e Clarice Lispector, Paim, que ingressou na vida Literária em 1944, com a publicação do romance *Estrada da liberdade*, continua quase desconhecida pela Academia.

Este artigo objetiva mostrar, na obra *A sombra do patriarca*, de Alina Paim, como o imaginário da Natureza em suas representações míticas dialoga com a crítica feminista moderna em consonância com o ecofeminismo defendido por Susan Griff, Stella Lauter e Isilda Alves. Com tal desafio, está dividido em duas partes: na primeira, mostramos que, pelo viés do mito e do símbolo, podemos compreender o imaginário do artista de uma cultura e de uma época, na tentativa de interpretar as disposições humanas; na segunda, apresentamos o discurso ecofeminista de Paim, através da personagem Raquel, que luta por uma sociedade mais justa e inclusiva.

A ideia de imaginário simbólico que trazemos aqui está fundamentada nas teorias psicológicas, filosóficas e mitológicas propostas por Carl Jung, Miececa Eliade e Joseph Campbell, respectivamente, que consideram as representações mentais concretas e abstratas das coisas e os significados atribuídos às imagens em nível consciente e inconsciente de motivação e produção. Em determinados discursos míticos as imagens- ou arquétipos- são mantidas, atualizadas ou recriadas numa relação direta com a forma do desenvolvimento dos modos de produção de cada contexto cultural.

Representação coletiva da palavra 'inspirada', imagem que fixa um acontecimento no coração do homem, o mito é o instrumento



necessário ao artista, pois funciona como aporte de natureza externa e interna, capaz de organizar a estrutura do imaginário na literatura, trazendo sempre uma mensagem que orienta, educa, persuade, explica, desvia, cria realidades de modo a transmitir verdades universais que conservam, de cultura para cultura, um modo similar de imaginar o mundo e os homens. Na concepção de Campbell, o mito pode ser comparado a um sonho coletivo, define-o nos seguintes termos: “O mito é o útero do nascimento especificamente humano do homem: a matriz há longo tempo usada e testada, dentro da qual o ser incompleto é levado à maturidade” (1997, p. 76).

São abundantes as imagens da Natureza no romance *A sombra do patriarca*, o que nos leva a associá-las ao mito da Deusa Mãe ou Mother Earth (Mãe Terra), um dos mitos mais presentes no inconsciente coletivo e, segundo Jung (1996, p. 64), relacionado às etapas da vida tais como nascimento, casamento, lutas, funerais, velhice, morte, enfim, a todo processo de transformação do feminino, oriundo de lutas e conquistas ao longo dos tempos. Esse mito era cultuado nas sociedades matriarcais, em que a mulher tinha papel de destaque: sempre associada a uma imagem de criação e harmonia com a Terra.

Atrelado a ele, evidencia-se o mito do eterno retorno - uma associação lunar em que se destacam as fases minguantes e crescentes, desaparecimentos e reaparições - o que “configura a natureza cíclica da Natureza, o ritmo e o retorno da experiência humana” (HOLLIS, 1997, p.78). O mito do eterno retorno está associado com a cultura da Grande Deusa, pois faz parte do ciclo de sacrifício, tornando a vida nova por morte, trazendo força ao processo de transformação do neófito.

Da cultura da Deusa Mãe ao ecofeminismo

A tese evolucionista de um matriarcado primitivo, defendida pelo alemão Bachofen e por Lewis Morgan, no final do século XIX, obteve grande sucesso; ambos postularam que as famílias primitivas tinham primeiro sido matriarcados, linhagens fêmeas que somente reconheciam a ascendência materna. Tempos depois, Friedrich Engels adotava a mesma tese. Essa teoria se apoiava no fato de que a filiação mãe/filho é indiscutível, enquanto a paternidade pode ser posta em dúvida, até mesmo ser ignorada. Só muito mais tarde os povos primitivos teriam começado a conceber a



noção de paternidade. O matriarcado se caracteriza pelo prestígio feminino muito superior ao masculino; esse poder feminino e materno é atestado, segundo Badinter, “por um número impressionante de esculturas e de representações de personagens femininos de porte imponente, cuja natureza divina se afirma cada vez mais nitidamente” (1986, p.58); no que tange às representações masculinas, estas eram pobres e escassas, despojadas do aspecto hierático e mágico dispensado à Deusa.

As religiões neolíticas cultuavam a Grande Deusa e não eram separadas do mundo real. Nessa época os homens começavam a ‘dominar’ a Natureza em vez de sofrer seus efeitos, as Mulheres estavam na linha de frente, pois elas faziam crescer os produtos da terra, associando o poder de fecundidade ao de fertilidade. Badinter (1986, p.59) assegura que o fato de o Divino ser sempre representado sob a forma feminina ratifica o prestígio das Mulheres. Para essa pesquisadora, “a agricultura é uma invenção feminina”, visto que a mulher “tinha a oportunidade de observar os fenômenos naturais da sementeira e da germinação. Era normal que ela tentasse reproduzi-los artificialmente” (1986, p. 60).

Ao citar os estudos de Lewis Mumford, Badinter observa que existe uma diferença marcada entre as fases primitivas e tardias da civilização neolítica, que correspondem àquela que separa a horticultura da agricultura, isto é, a cultura das flores, dos frutos e legumes, da cultura dos grãos (1986, p.60-1). Na medida em que é um trabalho quase exclusivamente feminino, a jardinagem está na origem longínqua da agricultura. Badinter observa que foram as Mulheres que tomaram as primeiras medidas de domesticação, ao homem cabia caçar e vigiar o rebanho. A esse respeito ela coloca que “a complementaridade das tarefas continua sendo respeitada; e quanto mais nos afastamos da época dos caçadores, mais nos aproximamos da agricultura, e mais impressionante vai ficando o poder feminino” (1986, p. 02).

A Deusa Mãe não foi representada apenas sob a forma de uma mulher imponente, de olhar terrível. Ela igualmente se encarnou em vegetais e animais. Muitas vezes tomou formas correspondentes aos animais com os quais acasalava. Seu império se estende a todos os seres; quando possui a forma humana, reveste sempre as três características: nudez, obesidade e uma considerável feminilidade; sua soberania estende-



se sobre o infinito do tempo e do espaço. Na Creta minoica, sozinha, ela simbolizava a unidade do universo, e igualmente a vida e a morte.

Para o estudioso das religiões, Mircea Eliade, as culturas agrícolas do neolítico elaboraram uma ‘religião cósmica’ cujos ritos são realizados pelas mulheres. Explica-a nos seguintes termos, “O próprio trabalho agrícola é um rito, porque se realiza sobre o corpo da Terra-Mãe, e implica a integração do lavrador, em certos períodos favoráveis ou nefastos” (1993, p. 169). Ele afirma que muitos ritos atestam a influência decisiva da magia erótica sobre a agricultura: há provas, como a nudez, as orgias, as gotas de leite materno derramadas no campo. A fecundidade da mulher influencia a fertilidade, e a opulência da vegetação, por sua vez, ajuda a mulher a conceber. Neste sentido pode-se explicar a ligação da fertilidade da terra à fecundidade feminina: ambas conhecem e estão envolvidas no “Mistério” da criação. A cultura da Deusa Mãe, detentora do Grande Círculo da vida da terra, mostra que a Mulher, como a própria Natureza e o estado ecológico do planeta, encontra-se em constante mutação.

Banidos há séculos, a Deusa Mãe e seus irresistíveis encantos podem ser compreendidos num contexto mais amplo, capaz de explicar a nova consciência feminina emergente. Os anseios espirituais e sexuais que levam o sujeito feminino a questionar suas instituições religiosas e seus padrões de relacionamentos - com o outro e com a Natureza- não são do âmbito exterior, mas interior, entendidos como ‘a força da Deusa’ experimentada como pressões internas compulsivas, como é o caso dos movimentos feminista, ecofeminismo, Native Americans, entre outros. Para este último, segundo Isilda Alves, a sua filosofia de vida baseia-se na crença de que “o gênero feminino estabelece uma ligação profunda com a Terra-Mãe, porque a mulher constitui o centro do Universo, e representa um estado de criação contínua” (2000, p.121).

Conforme visto, o mito da Deusa Mãe apareceu em diversas culturas arcaicas voltadas para os mistérios que reverenciam o corpo como espaço de adoração, fonte de prazer e instrumento de luta, é nesta última perspectiva que nos situaremos para mostrar a luta de Raquel, a protagonista de *A sombra do patriarca*, contra os poderes opressores do Masculino, representados pelo tio Ramiro, que tanto explora a terra quanto as mulheres ao seu redor, sem se importar se são da sua própria família ou simples cortadoras de cana da Usina Fortaleza.



O texto de Paim instiga múltiplas observações, uma delas é o discurso ecofeminista, revelando que a Natureza, além de presença marcante na poética da romancista, é fundamental para o crescimento e busca de identidade de Raquel, a partir das experiências por ela vivenciadas nas terras da Usina Fortaleza. O feminismo e a ecologia parecem bastante ligados a formas de opressão que lhes ameaça a existência. O sistema ecológico do nosso planeta vive também ameaçado com a destruição da camada de ozônio, devastações das reservas florestais, a poluição da água, do ar, entre outros fatores. De forma geral, o homem mudou o seu modo de lidar com a Natureza, fazendo com que as Mulheres se envolvam e lutem para defendê-la.

O ecofeminismo emerge no início dos anos 70 com a acelerada aproximação da Mulher com a Natureza, iniciada por diversos movimentos na cultura, nas artes, e na sociedade. Na música, por exemplo, muitas letras como “Don’t let it die” embalaram o movimento *hippie* que expressava paz e amor. Mas foi nos Estados Unidos, durante os anos 80, que as feministas culturais impregnaram um novo cunho ao movimento ecofeminista, ao proclamarem que as Mulheres e a Natureza podiam ser libertadas conjuntamente. Ao mesmo tempo, segundo Lauter (1985, p.48), os movimentos feministas de cunho liberal, social, cultural e mesmo socialista têm tentado investir positivamente nas relações entre o ser humano e a Natureza, evidenciando cada vez mais a perspectiva ecofeminista.

Para Alves (2000, p.101), “O ecofeminismo cultural faz uma análise dos problemas do meio ambiente ao basear-se numa crítica patriarcal à sociedade e ao evocar valores como a libertação das Mulheres e da Natureza”. Ela destaca que ecofeminismo cultural tem sido o movimento que mais importância tem dispensado à conexão entre Mulher e Natureza; na verdade, ele apresenta características próprias já no final do século XIX, durante a primeira fase do feminismo escritoras como as americanas Margareth Fuller, Harriet Stowe, Emma Goldman, entre outras, apresentaram em suas obras o sentido de coletividade, as ligações emocionais e um conceito de vida holístico.

Para a pesquisadora Susan Griffin, o discurso ecofeminista se constitui a partir de referências a elementos da natureza no texto e a sua ligação com a mulher (1984, p. 32). Ela defende que a biologia feminina e a Natureza são celebradas como fontes de poder, de enfrentamento. Destaca



em seus estudos que muitas mulheres, sob várias formas, têm a preocupação de mudar a sociedade conscientizando-a a preservar a Natureza e o estado ecológico do planeta. Na sua obra intitulada *Woman and Nature: the roaring inside her*, por exemplo, ela defende que o ecofeminismo levanta questões pontuais acerca das relações entre os domínios das mulheres e a exploração do meio ambiente, por parte do poder masculino.

Na esteira de Griffin, segue Lauter postulando que a união entre a ecologia, Mulher e Natureza, possui um significado metafórico, transcendente, mítico (1985, p.34). Por esse entendimento, a relação entre a Mulher e a Natureza é quase simbiótica pelo fato de ambas estarem sujeitas às violações provenientes do sexo masculino.

Na perspectiva da teóloga Karen Warren, a Mulher encontra-se mais perto da Natureza, de modo que “What makes ecological feminism *multicultural* is that it includes in its analyses of women-nature connections the inextricable interconnections among all social systems of domination, for instance, racism, classism, ageism, ethnocentrism, imperialism, colonialism, as well as sexism” (1994, p. 53).

Esses aspectos sociais, políticos e culturais, citados por Karen, são próprios das sociedades exploradoras; esse pensamento encontra eco nos estudos de Mary Daly em que trata da exploração do sexo feminino principalmente do ponto de vista emocional. O termo *The Myth Masters*, cunhado por ela, é destinado aos homens que invadem e dominam o pensamento de suas vítimas, que aos poucos se deixam envolver com seu algoz.

No que tange ao ecofeminismo social e socialista, Alves (2000, p.106) defende que este se baseia no patriarcado capitalista, cuja perspectiva está mais voltada para a sociedade e para a reprodução, ou seja, o ecofeminismo social e socialista tenta provar como as relações patriarcais de reprodução apontam para a real submissão das Mulheres aos homens e até que ponto esse tipo de sociedade produtiva liderada por homens pode dominar a Natureza. Neste sentido, o ecofeminismo social e socialista defende que as sociedades patriarcais, baseadas no poder masculino, contribuem para a desvalorização da Mulher e a ruptura ecológica.

Em *A sombra do patriarca*, a Natureza, às vezes, se nos apresenta na sua genuína e exuberante beleza; em outras, estabelece relações entre



diversos mitos, em especial a relação do mito Masculino (Grande Pai) com a violação da natureza humana e ecológica, e os perigos daí oriundos. Alves destaca que, numa perspectiva feminista, “O mito Masculino surge associado ao mito bélico, à crescente ambição e ao instinto guerreiro. Resulta deste fenômeno uma violação da natureza ambiental e humana” (2000, p. 77). Ao longo da história da humanidade, observa-se a necessidade de poder e de liderar que o homem possui, basta olharmos para os líderes Cesar, Alexandre, Hitler, entre outros; quanto às Mulheres, quase sempre parecem distantes desse quadro psicológico, exceto no lendário mundo das Amazonas. A esse respeito Alves defende que para a mulher é importante viver em harmonia com o ecológico, pois ela se preocupa com “a paz mundial e com o ambiente sustentável” (2000, p. 78).

A dinâmica dos símbolos na escrita de resistência de Paim

A ideia de união entre Mulher e Natureza, defendida por Griffin e Lauter, encontra eco no romance *A sombra do patriarca*. O discurso ecofeminista da romancista descortina a cumplicidade entre o Feminino e a Natureza, destacando a caminhada empreendida por ambas e a condição de escravas de uma sociedade patriarcal, desejosa em ‘colher’ os frutos sem, no entanto, pensar muito em preservá-los, conforme mostraremos adiante.

No romance em foco, cujo título traz o peso das palavras “sombra” e “patriarca” relativas, respectivamente, ao medo paralisante e à dominação, a história se inicia com Raquel afastando - se do mundo urbano - a cidade do Rio de Janeiro -, disposta a conhecer a família no interior de Sergipe, após receber um telefonema do seu tio Ramiro. Segue na companhia do pai, enfrentando uma viagem perigosa e difícil, conforme as palavras da narradora “Que viagem horrível, meu Deus! As rodas do carro atolavam a todo instante na estrada cheia de lama da forte chuva. (...) Sapos em todo lugar” (PAIM, 1949, p. 16 e 20). Do ponto de vista mítico-simbólico, o ambiente composto pela chuva e lama ilustra o mundo líquido e primitivo da Deusa Mãe, em cujo útero nutre o pequeno ser em desenvolvimento. Acerca do sapo, um componente do mundo crepuscular da Deusa Mãe, o dicionário de símbolos de Jean e Chevalier coloca da seguinte forma, “O medo desse animal faz dele comumente, entre nós, um símbolo de fealdade. O sapo traz consigo todos os significados nascidos da grande cadeia simbólica água-noite-Lua-yin” (1999, p.803).



No contexto da narrativa em foco, o sapo é o guardião do portal que separa os dois mundos: o de fora e o de dentro. As palavras da protagonista sugerem que um novo ciclo se inicia em sua vida “Senti-me desamparada nos dias após a partida de meu pai, mas precisava seguir” (PAIM, 1949, p. 43). A vida no campo é, sem dúvida, algo novo para Raquel, de modo que se adaptar a ela não será fácil, afinal trata-se de uma realidade bastante diferente da sua. Metaforicamente equivale a ser “jogada” de volta ao útero- representado pelos elementos terra e água- onde possivelmente renascerá. Conforme se observa, a imagética literária de Paim mostra a relação intrínseca entre a Mulher e a Natureza logo no início da narrativa.

Raquel, embora enfrentando dificuldades no trajeto para a casa da fazenda na Usina Fortaleza, pertencente a Ramiro, consegue observar a beleza ao seu redor “A terra molhada, de um lado e de outro da estrada touceiras ondulantes de cana cobrindo a terra como um mar” (PAIM, 1949, p.18). A sua forma de olhar é especial, própria de quem reconhece a Mãe terra, por alguns instantes sente-se parte integrante da Natureza. Os movimentos ‘ondulantes’ da cana ao vento remetem à imagem da serpente, “um atributo da Deusa Mãe e um símbolo de renascimento, considerando a troca de pele de tempos em tempos” (CARDOSO, 2005, p. 78). Para Jean e Chevalier, “a serpente - tanto quanto o Homem, mas contrariamente a ele - distingue-se de todas as espécies animais. A serpente visível é uma hierofania do sagrado natural, não espiritual, mas material” (1999, p. 814-15).

A viagem da personagem Raquel inscreve-se como uma busca heroica, de identidade. A propósito da palavra viagem, esta é citada várias vezes ao longo do relato ficcional, ratificando o ‘ritual’ da visita de Raquel aos parentes sergipanos. Ela desloca-se três vezes no contexto da narrativa: do Rio de Janeiro para a Usina Fortaleza, desta para a fazenda Curral Novo e, por fim, ao Rio de Janeiro. O emprego da palavra viagem para além do sentido metafórico da linguagem a que faz uso a autora, expressa a autodescoberta das diversas identidades que compõem a feminilidade da Mulher, o que reflete o feminismo defendido por Mary Daly: “Feminist process must become sensible (in actions, speeches, works of all kinds) in order to become” (1984, p.74).

Segundo Jung, o motivo essencial e constante da busca heroica implica em uma viagem da inconsciência até a consciência, das tenebrosas



profundezas até as altitudes luminosas, da dependência à autossuficiência. Reitera que “essa força, essa energia configuradora (que é o que o arquétipo) busca destronar a dominação imposta pelo caos, as doces seduções da inconsciência, e atingir uma diferenciação mais elevada” (JUNG, 1996, p.83). A psicologia profunda de Jung é um processo por meio do qual a psique fraturada pode curar-se, quando conseguimos um mito pessoal - ou arquétipo - para suplantar a falência das ideologias culturais. Em cada um de nós há o arquétipo do herói, que nada mais é do que a capacidade de fazer frente aos desafios da vida.

Não obstante as diferenças culturais, a literatura de todos os tempos têm nos inspirado a atender os nossos próprios “chamados” e, assim como o herói, sermos os protagonistas de um roteiro incerto que pode ser iluminado, basta termos disposição e coragem. O “chamado” ou convocação representa a necessidade de que um valor mais antigo, pessoal ou coletivo, seja superado, “O herói tem que persistir diante do maior obstáculo que é a sua própria letargia, seu medo e seu desejo de voltar para casa. O caminho é repleto ameaças e tentações” (CAMPBELL, 1993, p. 72). Esse estudioso da mitologia destaca que o drama do herói é universal, pois cada um de nós reconhece a sutil sedução dos confortos, e os medos que paralisam como o olhar de medusa.

O discurso feminista de Paim traz a metáfora da viagem/travessia do herói para mostrar que a Mulher precisa seguir diferentes caminhos, tornar-se criativa, encontrar a sua libertação; essa intenção da escritora é percebida pela fala da protagonista: “queria libertar-me o quanto antes” (PAIM, 1949, p. 17), o que remete estar Raquel, de alguma forma, presa. Ao chegar à Usina Fortaleza, uma cena chama-lhe a atenção: o fato de ver seu pai curvar-se para cumprimentar Ramiro, parecia dever-lhe respeito, “Grande foi a minha surpresa, vi papai saltar do carro e aproximar-se para beijar a mão de um homem baixinho” (PAIM, 1949, p.19). Raquel sente-se na obrigação de fazer o mesmo: “Beije aquela mão cheia de sardas e veias salientes” (...) (PAIM, 1949, p.19).

Na primeira semana em que chega à Usina, Raquel enfrenta uma doença: maleita, que a mantém em total repouso, aborrecendo-a; entretanto, é a sua oportunidade de ficar mais próxima dos parentes, principalmente das mulheres da casa grande que se revezavam durante as noites com vistas a zelar pela saúde da convidada e observadora voraz,



“Depois de três semanas que passei no quarto da frente, retida na cama, em vez de tranquilizar-me, produzia em mim a sensação angustiante de estar prisioneira entre aquelas pessoas estranhas” (PAIM, 1949, p. 14).

Dia após dia, Raquel sente-se mais angustiada, contudo, tem que permanecer naquele lugar por recomendação médica, não podendo retornar com o pai. Para além da maleita havia outro obstáculo: Ramiro, “um homem com vontade de ferro, frio e autoritário, usava todos os meios para conseguir o que queria” (PAIM, 1949, p. 16). A casa grande, um “ambiente ostensivo de riqueza” (PAIM, 1949, p. 25), fazia parte do império conquistado por Ramiro, “Recebera do pai como herança uma propriedade pequena e hipotecada e, à custa de lutas, resgatara tudo, fazendo progredir a fortuna. Soubera aumentar as terras e impor respeito” (PAIM, 1949, p.13).

Aos poucos, Raquel se inteira das ações do tio relativas à administração da fazenda, e conclui “extrapolam as expectativas do normal, revelando a grande carga opressora que trazia em suas ações” (PAIM, 1949, p. 24). Procurou um nome que correspondesse à figura pesada de Ramiro, cuja sombra “como a de um patriarca, se estendia muito longe, abrangia muitas vidas” (PAIM, 1949, p. 15). Do quarto observa as paredes do corredor longo e estreito como um labirinto “agora começava a enxergar um pouco, a caminhar nesse labirinto” (PAIM, 1949, p. 43). O labirinto, assim como o cárcere, é uma imagem do caos contra o que Raquel terá que lutar. Na verdade, o exterior reflete o interior da personagem, e revela a separação de mundos: externo/ interno, superior/inferior, masculino/feminino, o binarismo próprio da sociedade patriarcal em que o universo cultural e social humano se organiza em torno da dicotomia sexual.

O patriarcado não designa apenas uma forma de família baseada no parentesco masculino e no poder paterno, já que se refere a toda estrutura social que nasça de um poder do pai Segundo Badinter (1986, p.95). Numa organização assim, o poder que o chefe da tribo ou o rei tem sobre os membros da coletividade é o mesmo que o pai sobre as pessoas de uma família. Ela reitera, “Os poderes do pai, e com ele, os do chefe, variam de uma sociedade para outra. (...) O sistema patriarcal mínimo é reconhecido pelo fato de que os pais trocam as filhas por noras, com ou sem consentimento das interessadas” (BADINTER, 1986, p. 95-6).

A narrativa de *A sombra do patriarca* se encaminha no sentido de evidenciar que Ramiro “parecia extinguir a felicidade em volta dele, seu



dinheiro onde passava ia semeando maldição” (PAIM, 1949, p. 16). Usa o poder para persuadir todos ao seu redor, especialmente mulheres, mesmo as da sua própria família, a quem propiciava uma vida de conforto e luxo para obter em troca obediência e silêncio total. No primeiro bloco de mulheres sob o seu domínio situamos Amélia, a esposa, Teresa, a filha única e que lhe dera as netas Leonor e Anita, além de Abelardo- o neto e futuro herdeiro da Usina-, em torno deste bloco Raquel observa “Uma submissão humilhante lhes ditava como norma de conduta o fingimento. Cada uma se via obrigada a esconder seu próprio pensamento, a responder o que devia e não o que no íntimo julgava certo” (PAIM, 1949, p. 19).

Algumas mulheres da família a deixavam pouco à vontade, “A presença de tia Amélia causava-me uma sensação aguda de descontentamento, era um mal-estar que não conseguia explicar a mim mesma. Falava pouco. Tia Amélia era mansa e sorradeira” (PAIM, 1949, p.17). Possui “Olhinhos vivos, aliás o único vestígio de vida no rosto cheio de sulcos e de rugas” (PAIM, 1949, p. 16-7). Entretanto, Raquel não compreendia, “Como conseguira defender a vivacidade do olhar no decorrer de tantos anos subjugada ao lado do marido, sempre asfixiada por sua vontade de ferro que não perdoava ter-lhe dado uma filha em vez do menino tão desejado” (PAIM,1949, p.17).

Conforme dito antes, o universo cultural e social humano, nas sociedades patriarcais, se organiza em torno da dicotomia sexual. No imaginário masculino, as mulheres são percebidas diferentes, inferiores, representam a metade ‘perigosa da sociedade’. A personagem Tereza, prima de Raquel, se alia ao Pai depois deste ter-lhe incutido na cabeça ser necessário encontrar um marido para garantir-lhe amparo no futuro, o que é internalizado por ela “A mulher sempre é mais fraca. Quando lhe falta amparo do pai ou do marido, a desorientação toma posse de sua vida, ela não acerta mais a dar o passo!” (PAIM, 1949, p.39). Tereza está dominada pelo poder do pai, presa no labiríntico mundo do pai.

A narrativa revela a coexistência de territórios do masculino e do feminino e ratifica a obscura hierarquia que fez do masculino a autoridade política e social, impondo seu modelo a todas as dimensões da convivência humana. Para Ramiro, as mulheres, assim como a terra, eram suas propriedades, o que confirma a superioridade masculina no seio da família. Interpretando Edgar Morin acerca da família, Oliveira destaca: “a família é



um subsistema aberto para o sistema social. O pai-esposo pertence à classe dos homens, a mulher ao grupo das mulheres, o filho, a partir de certa idade, ao grupo dos jovens não iniciados” (2012, p.49).

No segundo bloco de mulheres que estão sob o domínio de Ramiro destacamos as cortadoras de canas da Usina. Após recuperar-se Raquel vai à Vila de Santa Clara, um povoado dentro da propriedade do tio em que moram os trabalhadores e as cortadoras de cana, “Vultos que se agitam cedo, suas vozes misturam-se com um ou outro mugido. Mãos calejadas pela vara de tanger, ou amontoando a cana à margem da estrada” (PAIM, 1949, p. 31). A caminho da igreja para conhecer o padre Coutinho, Raquel observa um grupo de “mulheres na estrada de enxada em punho, outras cavavam a terra, lançavam as sementes” (PAIM, 1949, p. 32). Do ponto de vista simbólico, este grupo de mulheres metaforiza as sacerdotisas do templo da Deusa Mãe, conhecedoras dos ciclos da vida, defensoras da terra. Compreendeu que a pobreza que assolava aquela pequena vila era proveniente da ambição do tio que “Age semeando a miséria, sugando as energias, matando as esperanças, reduzindo todas à passividade e ao silêncio” (PAIM, 1949, p. 32).

De ambos os blocos “provem a ameaça suprema de que, caso rompam a relação primordial de alteridade/oposição e recusem-se aos homens, a espécie pode ser aniquilada” (OLIVEIRA, 2012, p.47). Ramiro entende a mulher como a ‘outra’, a megera capaz de traí-lo ao menor descuido. Na concepção do patriarca mantê-las por perto, falando apenas o necessário é uma medida de precaução, essa estranheza se exprime “nos sistemas simbólicos e de representação e se realimenta, reforçando a fronteira intransponível que separa fazeres e saberes de homens e mulheres” (OLIVEIRA, 2012, p.47).

Do ponto de vista ecológico, o texto de Paim traduz um dos valores sociais e de âmbito cultural de modo que acusa o iminente perigo contra a Natureza e, igualmente, contra as Mulheres no que tange à exploração humana e emocional, atestada pela voz da narradora que, às vezes, se confunde com a sua própria voz “Raquel pensou nas vidas que se misturavam às plantações, presas à terra explorada quase com as mesmas raízes” (PAIM, 1949, p. 32). Do ponto de vista político, a autora foi militante do Partido Comunista Brasileiro por mais de duas décadas e, portanto, defensora do socialismo, o que justifica a sua posição contra a exploração da



terra em nome do capitalismo selvagem. Desse grupo de mulheres ‘amordaçadas’ pelo poder de Ramiro destaca-se Lucrecia, assim descrita pela narradora, “Já ouvira dizer que a velha Lucrecia tinha sido escrava, percorrido terras, vendida muitas vezes até que terminara o cativo. Ela se achava no Curral Novo, estava velha, não aguentava mais nada, só prestava mesmo para dar um “ajutório na boa hora” (PAIM, 1949, p. 145).

A narrativa destaca aspectos em que a Mulher está totalmente associada à Natureza e à ecologia, em que a Natureza é quase reconhecida como uma das características inerentes ao sexo feminino, o que se coaduna com o pensamento de Lauter (1986, p.53) e, igualmente com o de Paim, em cujo relato ficcional destaca essa mistura, esse amálgama, expresso na forma mesma de apresentar a personagem Lucrecia, cuja velhice ultrapassa a ideia de coisa acabada, decrépita, para adquirir um sentido mais amplo de sabedoria perante a vida: “suas raízes eram profundas, deviam confundir-se com as dos eucaliptos da baixada e, alastrando-se até a lama do brejo, eram enterradas mais e mais, noite a dentro, pelas marteladas de batalhões de sapos ferreiros (PAIM, 1949, p. 146).

Na obra *A sombra do patriarca*, o corpo é transgressor, não obstante os sofrimentos à velha escrava impõem-se como resistência, uma característica feminista. Essa ideia encontra eco nas palavras de Oliveira (2012, p, 14) para quem o feminismo, como todo movimento social, “chega como desafio e exigência de transgressão de uma ordem que, confundida com o senso comum, vigorou ao longo dos tempos, atribuindo ao masculino o direito de ver o feminino como seu avesso. No feminino, assim como no masculino, o corpo é história”.

O olhar da narradora voltado para o passado ratifica a busca de identidade. Quando as mulheres, no caso a narradora e a escritora, se voltam para o passado e se reconhecem na cultura feminina não é ao feminino como essência que se referem, mas ao feminino como experiência: o que Lucrecia vivenciou no passado- como a violência, maus tratos etc., continua, de algum modo, presente no cotidiano das mulheres de hoje. No balbuciar de uma linguagem quase inaudível da personagem Lucrecia, feita mais de silenciamentos, o Feminino emerge como esforço de alteridade, de reconhecimento de espaços outros em que o humano possa contemplar sua experiência, sentir-se novo.



Segundo Alves (2000, p. 40), a maior parte do ativismo ecológico efetuado pelas mulheres é motivado pela conexão entre a biologia reprodutiva das Mulheres (Natureza) e a tecnologia fabricada e originada pelos homens (cultura). Vale destacar que no contexto de *A sombra do patriarca* estamos diante de dois mundos que se opõem: o mundo natural (o campo) e o artificial (as máquinas), que segundo o ecofeminismo é representado pelas sociedades dominadas pelo sexo masculino. A narradora segue afirmando que não obstante o barulho ensurdecido das máquinas - importadas da Inglaterra - e a poluição que causam danos ao meio ambiente, a Usina é o grande orgulho de Ramiro: “vi o zumbido monstro de todas aquelas máquinas em movimento a devorar cana e a consumir lenha e mais lenha. Foi a única vez que vi tio Ramiro rir (PAIM, p. 61-2).

Contra essa total submissão das Mulheres e da Natureza em relação ao patriarca Raquel precisava agir, sentia no seu íntimo que “começava a enxergar um pouco com a certeza de que haveria uma saída para tudo” (PAIM, 1949, p. 43). Ela não desejava tal sujeição, “Fervia em minha consciência uma espécie de revolta contra a dominação de tio Ramiro. Seu dinheiro, como um rolo compressor, nivela e plaina o caminho de todas nós” (PAIM, 1949, p.43-4). Assim como Lucrecia, a resistência de Raquel se impõe pelo corpo que também está associado à Natureza. Para atender a uma ordem do tio segue com Amélia e Anita até Manguinhos, embora ainda se recuperando da maleita, é exposta à poeira e ao sol escaldante: “suportei sem uma queixa o calor escaldante daquela manhã de sol claro de verão, fiquei com os cabelos duros e entranhados de poeira, vendo de um lado e do outro da estrada as touceiras ondulantes de cana. Resisti” (PAIM, 1949, p.18).

Raquel segue desejosa de conhecer um pouco mais sobre as mulheres da casa grande “No quarto as três mulheres ficaram silenciosas. Daria muito para não pensar em mim mesma e saber o que se passava na mente de minhas companheiras” (PAIM, 1949, p. 139). Ela, entretanto, reconhece que “Leonor quebrava a monotonia, mas não tinha a certeza ainda de que era diferente das demais, de que pensava por conta própria. Sabia que era retraída e pouco comunicativa” (PAIM, 1949, p.23). A curiosidade de Raquel em relação àquela família de ‘estranhos’ tomava grandes proporções, ela trazia um pensamento consigo “Um dia alguém quebrará essa sequência” (PAIM, 1949, p. 28).



A partir de uma conversa com Raquel, em quem passou a confiar plenamente, Leonor confessa-lhe o seu maior desejo “Quero estudar medicina na capital, mas vovô não permitiria” (PAIM, 1949, p. 52). Ela, então, enfrenta o tio, defendendo o seu ponto de vista “Tio Ramiro, o senhor está atrasado, a mulher pode ser tudo o que desejar: médica, professora, advogada. Tem capacidade para exercer qualquer profissão” (PAIM, 1949, p.57). Com tais palavras, Raquel rompe com a família da casa grande, sente-se vencedora, fortalecida e orgulhosa da sua coragem. Na verdade, ela toma para si uma causa muito maior: enfrenta uma luta contra os donatários do mundo. Parte para a fazenda Curral Novo, de propriedade da outra parte da família, levando consigo a prima Leonor. Ali, em meio a gente simples, ela recupera as forças e retorna ao Rio de Janeiro, cumprindo, assim, a sua jornada heroica.

Considerações finais

O romance *A sombra do patriarca* parece ser uma tentativa da escritora, uma mulher à frente do seu tempo, de combater as marcas da dominação patriarcal; seu discurso ecofeminista se potencializa pelo viés do mito ratificando o espaço da mulher na sociedade. A leitura do texto literário de Paim, encaminhada por questões ecológicas que nos exigem ações transformadoras, em que une Natureza e cultura, corpo e Terra-mundo, servem não só para dar visibilidade ao potencial ecológico da literatura, mas, nos mobiliza no sentido de criar uma corrente de despoluição não apenas mental, mas social e ambiental, capaz de destruir a opressão e a dominação da Mulher e da Natureza. Além disso, mostra que o projeto mitológico de Alina Paim, especialmente no que tange aos mitos do eterno retorno e da Grande Mãe- relativos ao feminino- está em sintonia com as causas do seu tempo, integrando o ciclo do sacrifício à reprodução e preservação do planeta Terra.

Referências

CAMPBELL, J. **O vôo do pássaro selvagem**. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1993.



CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva *et al.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

DALY, M. **Pure lust: Elemental Feminist Philosophy**. London: The Women's Press, 1984.

ELIADE, M. **Tratado de história das religiões**. Tradução Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ELIADE, M. **Mito do Eterno Retorno**. Tradução José Antonio Ceschin. 1992.

GRIFFIN, S. **Woman and Nature: The roaring inside her**. New York: Harper and Row, 1984.

HOLLIS, J. **Rastreado os deuses: o lugar do mito na vida moderna**. Tradução Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Paulus, 1997.

JUNG, C. G. **Arquétipos do inconsciente coletivo**. 1996.

LAUTER, E. **Women as Mythmakers**. Indiana: Madison University of Wisconsin Press, 1985.

OLIVEIRA, R. D. **Elogio da diferença: o feminino emergente**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PAIM, A. **A sombra do patriarca**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1949.

WARREN, K. J. **Ecological feminism**. London: Routledge, 1994.

